

REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DO INDÍGENA NO ROMANTISMO BRASILEIRO: O CASO *SIMÁ*, DE LOURENÇO AMAZONAS

LITERARY REPRESENTATION OF THE INDIGENOUS IN BRAZILIAN ROMANTICISM: THE CASE *SIMÁ*, BY LOURENÇO AMAZONAS

Danglei de Castro Pereira¹

RESUMO: Nossa preocupação neste estudo foi focalizar a importância do processo de representação do indígena no romance *Simá*: romance histórico do Alto Amazonas, publicado em 1857 por Lourenço da Silva Araújo Amazonas (1803-1864). Nosso objetivo principal foi valorizar a presença da ironia romântica no romance e pensamos a complexidade da construção da identidade nacional via representação do indígena no romance. Evidenciamos como as inovações estéticas presentes no *corpus* contribuíram para a valorização da heterogeneidade do romantismo brasileiro. Utilizamos como principal recurso teórico a abordagem do conceito de ironia romântica, conforme Kierkegaard (1991), entre outros e, sobretudo, a ideia de representação literária e identidade nacional associadas à figura do indígena, conforme Schmitt (2010); Reis; Lopes (2000) e Memmi (1976), entre outros. Como principal recurso metodológico adotamos a discussão *Stricto sensu* de nosso *corpus*, bem como a valorização de um romance de grande qualidade estética e que aguarda maior difusão no contexto da historiografia literária brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Tradição; Romantismo; Narrativa brasileira; Identidade nacional.

ABSTRACT: Our concern in this study was to focus on the importance of the process of representing the indigenous in the novel *Simá*: romance histórico do Alto Amazonas, published in 1857 by Lourenço da Silva Araújo Amazonas (1803-1864). Our main objective was to value the presence of romantic irony in the novel and we thought about the complexity of the construction of national identity through the representation of the indigenous in the novel. We highlight how the aesthetic innovations present in the corpus contributed to the appreciation of the heterogeneity of Brazilian romanticism. We use as main theoretical resource the approach of the concept of romantic irony, according to Kierkegaard (1991), among others and, above all, the idea of literary representation and national identity associated with the figure of the indigenous, according to Schmitt (2010); Reis; Lopes (2000) and Memmi (1976), among others. As the main methodological resource, we adopted the *Stricto sensu* discussion of our *corpus*, as well as the valorization of a novel of great aesthetic quality and which awaits greater diffusion in the context of Brazilian literary historiography.

KEYWORDS: Tradition; Romanticism; Brazilian narrative; National identity.

¹ Universidade de Brasília - UnB, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Brasília, Distrito Federal, Brasil; Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF). Realiza estágio de *Post-Doctorat* (2019-2020) na *Université de Rennes 2/ERIMIT*. <https://orcid.org/0000-0003-1010-1238> ; danglei1974@gmail.com



la mort justifie toujours les ames sensibles; l'être qui fut bon trouve, quand il a cessé de vivre, des défenseurs parmi ceux mêmes qui l'accusaient.

Mme. De Staël

Não me dirá senhor Loiola (o Sr. que tanto me increpa de indiscreto, aturdido e insequente) não me dirá o que o Sr. teve em vista, aconselhando-me, induzindo-me e até proporcionando-me o mais de sua parte o rapto de Simá?

Lourenço Amazonas

O Romantismo estabelece uma nova perspectiva enunciativa que, em alguns momentos, questiona a tradição clássica, sobretudo, a partir do século XIX no contexto brasileiro. O resultado é a construção de novos arranjos estéticos pautados pelo crivo individual que levam a uma heterogeneidade de manifestações artísticas. Este olhar sobre o subjetivo é, paradoxalmente, a justificativa para a heterogeneidade estética no Romantismo, pois conduz, ainda, lembrando Rosenfeld (1993), à exposição de uma visão de mundo, na qual o disforme e o particular fragmentam e questionam os elementos do sublime clássico, conduzindo a um novo conjunto de valores estéticos.

Rosenfeld (1993), comenta, ainda, que a diversidade do Romantismo estabelece uma nova perspectiva enunciativa que, em alguns momentos, questiona a tradição clássica, mas, em outros, produz uma síntese rumo a novos arranjos estéticos pautados pelo crivo individual. Este olhar sobre o subjetivo conduz, ainda, na aresta das colocações do crítico (1993), à exposição de uma nova visão de mundo, na qual o disforme e o particular fragmentam os elementos do sublime clássico, conduzindo a um novo conjunto de valores estéticos.

Esta dinâmica questionadora garante, por um lado a diversidade do movimento romântico em termos universais e, por outro, lança os alicerces para a arte do século XX. A atividade literária desenvolvida via síntese tensiva face à tradição clássica e, em alguns casos, das principais vertentes do romantismo nacional e internacional é relevante na produção de um veio irônico presente entre alguns autores românticos brasileiros, entre eles, Sousândrade, Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Luís Gama, Bernardo de Guimarães, entre outros. Entendemos, portanto, que mesmo na perspectiva irônica as inovações formais e estéticas dos autores mencionados não fogem ao que Benedito Nunes (1993) delimita por visão romântica de mundo, o que pressupõe a valorização da perspectiva ideal como constructo romântico.

Para o crítico

as ideias da visão romântica do mundo nascem em oposição às do Iluminismo, e agrupam-se, com estas, de maneira ordenada, num esquema de caráter sistemático. As matrizes filosóficas que permitem encadeá-las, e que imprimem ao esquema que elas compõem a unidade de uma constelação de princípios interdependentes, procedem de uma combinação de linhas mestras das doutrinas idealistas pós-kantianas de Fichte e de Schelling. (Nunes, 1993, p. 56)

O caráter reflexivo visto como uma forma de questionamento à tradição, "oposição às do Iluminismo", via valorização ideal do homem em um progressivo questionamento do Mundo por meio de "matrizes filosóficas" é traço importante na ironia romântica,

-134

concordando com o que Nunes (1993) denomina por "combinação de linhas mestras das doutrinas idealistas pós-kantianas de Fichte e de Schelling".

A presença de uma tradição irônica subjacente à emotividade, vista como característica importante no romantismo, apresenta, porém, um grau de inovação que nos possibilita pensar a complexidade da representação do indígena na tradição literária brasileira, tendo, neste estudo, como *corpus* o romance *Simá: romance histórico do Alto Amazonas*², de Lourenço Amazonas publicado, em primeira edição, em 1857.

Antes de focalizar o *corpus* específico do estudo estabeleceremos uma breve apresentação do que entendemos por ironia romântica, bem como comentaremos o processo de representação literária com ênfase no indígena no Romantismo no Brasil e, posteriormente, na obra *Simá*, de Lourenço Amazonas.

A ironia romântica e a representação literária: alguns pressupostos

Para Kierkegaard (1991) a ironia é um princípio racional que explicita a crítica via sujeito em uma atitude contestadora em espiral reflexiva de forma contínua. Kierkegaard (1991) comenta que:

a ironia permanece sempre negativa: no aspecto teórico ela estabelece um desacordo entre ideia e realidade, entre realidade e ideia, no aspecto prático entre possibilidade e realidade, ente realidade e possibilidade. (Kierkegaard, 1991, p. 247)

A ideia da ironia como "sempre negativa", conforme Kierkegaard (1991) implica uma forma de pensar a realidade dialeticamente.³ A negatividade irônica, segundo Kierkegaard (1991), não implica uma visão depreciativa face ao conceito de subjetividade e realidade; mas é um contraponto aos padrões moralizantes que aparecem como pano de fundo temático para a perspectiva romântica, por um lado e, de outro, para o conceito retórico de ironia. A ironia romântica propõe, portanto, uma abertura temática, uma ampliação de limites formais que impulsiona o caráter reflexivo e, por vezes, rebelde inerente ao viés romântico. Entendemos que, em alguns casos, por meio da ironia romântica, lembrando Lobo (1986, p. 168), o percurso idealista presente à visão romântica é redimensionado em direção a momentos de consciência

² Não exploraremos, neste artigo, a ambiência de *Simá* em relação ao romance histórico. É importante salientar que o percurso histórico e a forma como o romance aborda questões históricas como a Revolta de Lamalanga, entre tantas outras, e apontamentos em relação a presença de comunidades religiosas ligadas ao povoamento e colonização do Grão-Pará e da região do Alto Amazonas no Brasil ao longo do século XVII, XVIII e XIX são imprescindíveis à organização ficcional proposta pelo texto. Pretendemos retomar o tema em trabalhos futuros.

³ Dada a brevidade deste estudo e a complexidade do conceito de ironia romântica indicamos ao leitor interessado a leitura de: BEHLER, Ernst. *Ironie und literarische Moderne*. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 1997.; BENJAMIN, Walter. *O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão*. Tradução de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2011.; SCHELLING, F. W. J. *Filosofia da Arte*. Tradução de Márcio Suzuki. São Paulo: Edusp, 1994. ; STROHSCHNEIDER-KOHR, Ingrid. *Die romantische Ironie in Theorie und Gestaltung*. Tübingen: Max Niemeyer, 2002; SUZUKI, Márcio. *Sobre Música e Ironia*. Idealismo Alemão. Revista Dois Pontos. Curitiba - São Carlos, v. 4, n. 1, p. 175-200, 2007. HASS, Hans-Egon; MOHRLÜDER, Gustav-Adolf. *Ironie als literarisches Phänomenon*. Köln: Kiepenheuer & Witsch, 1973.; HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Die Ironie*. In: HASS, Hans-Egon; MOHRLÜDER, Gustav-Adolf. *Ironie als literarisches Phänomenon*. Köln: Kiepenheuer & Witsch, 1973, p. 340-349.; KIERKEGAARD, Soren. *Conceito de ironia: constantemente referido a Sócrates*. Apresentação e tradução Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Editora Vozes, 1991. MUECK, D. C. *Ironia e o irônico*. São Paulo: Perspectiva, 1995. Entre outros autores.

crítica. Nestes momentos à ideia de subjetividade primária é associado um espaço de tensão nos chamados "românticos marginais e esquecido pela história da literatura romântica oficial". Antonio Candido (2000) comenta que a percepção

desses tenebrosos estouros na criação literária, abrindo fissuras por onde jorram os lençóis subjacentes do espírito e no qual se evidenciam tendências, apenas parcialmente expressas, de toda uma geração desenquadrada pela embriaguez do individualismo estético. (Candido, 2000: p. 457)

O que Candido (2000) compreende por “lençóis subjacentes” e Lobo (1986) por “contra ideologia” perceptíveis no interior da lírica romântica no Brasil aparece subjacente ao teor crítico que o narrador de *Simá*: romance histórico do Alto Amazonas apresenta em sua obra quando pensamos proposição em relação a interação entre o indígena e o homem branco. Para nós a forma com que Lourenço Amazonas focaliza o indígena em seu romance *Simá* nos dá um exemplo da presença da ironia romântica na representação literária do indígena na ficção romântica brasileira⁴.

Ao pensarmos a representação literária retomamos nas palavras de Reis e Lopes (2000, p. 35) a relação entre literatura e realidade discutida em Aristóteles (2020) para quem a ideia de representação associada ao diálogo com o real imediato e sua imitação, amplia a refração inerente à *mimese* e o paralelo imediato com o real em um percurso que ultrapassa a imitação direta do real em direção a sua ampliação e, por vezes, transfiguração.

Para Reis (1998) a imitação ou paralelo face ao real circundante encontra, portanto, na representação um espaço de transfiguração, uma vez que a projeção dialética do mundo apresenta-se tanto como reificação do real quanto sua recriação. Na representação literária ocorre uma reconfiguração da realidade, uma espécie de paralelo crítico com a realidade imediata, vista como ponto de partida na construção da verossimelhança literária, mas ao mesmo tempo sua reconfiguração.

Para Reis e Lopes (2000) a

representação é uma entidade cuja eficiente atualidade, paradoxalmente, coincide com o seu colapso. Só temos uma representação quando esta funcionar como representação, visto que ela não é entendida como representação, mas sim como o próprio objeto representado. (Reis; Lopes, 2000, p. 58)

Coutinho (2008, p. 24) ilumina esta reflexão ao apresentar a ideia de que na arte, aqui a literatura, a realidade é uma imagem primária, um simulacro para lembrarmos a imagem da caverna em Platão, a partir do qual a arte aproveita

⁴ Indicamos aos leitores interessados os estudos: PEREIRA, Danglei Castro de. Presença da ironia na poesia romântica no Brasil. *Revista Polifonia*. volume 23, número 34, 2jul/2016. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/5351/pdf> .Acesso em 20/02/2020. ; PEREIRA, Danglei Castro de. Traços da ironia romântica na literatura do século XX. *Revista Terra roxa e outras terras*. Volume 27. dez. 2014. Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol27/TR27e.pdf Acesso em: 20/02/2020. PEREIRA, Danglei de Castro. Antropofagia e identidade na representação do indígena na literatura brasileira. In *Revista Forma breve*, v. 1, p. 239-251, 2018. Disponível e: <https://proa.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/1990>. Acesso em: 25/02/2020.

(...) fatos da vida ou que os contém. Mas esses fatos não existem nela [a literatura] como tais, mas simplesmente como ponto de partida. A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas que são os gêneros e com os quais ela toma corpo e nova realidade. (Coutinho, 2008, p. 24)

Essa ideia a de que a literatura é uma "transfiguração do real", "uma nova realidade" indica o valor associado ao processo de verossimilhança como fundamental na construção da imagens complexas do real na representação literária. Lembrando Ingarden (1970) a relação da arte literária com o real imediato não implica uma negação unilateral; antes a reconstrução de múltiplas possibilidades de re/configuração do real nos processos ficcionais de representação literária, ou seja, sua ampliação (das possibilidades do real) e refração no universo ficcional. A ideia de imitação, conforme Aristóteles (2020) encontra em sua potência refratária face ao percurso mimético a ideia de ampliação do real na arte literária. Entendemos, então, que o processo de representação literária cria no paralelo com o real imediato seu ponto de partida; mas, sobretudo via verossimilhança, o amplia e transfigura. Schwitt (2010, p. 139) comenta que

uma *communis opinio*, cada vez mais extensa, que vê formar-se, entre Aristóteles e o século XVIII, uma ampla conexão no entendimento da arte e da poesia, contra a qual a modernidade se levantou, pelo desdobramento do conceito de uma subjetividade criadora (Schmitt, 2010, p. 139).

A compreensão da fragmentação e da ampliação da imitação direta do real, "subjetividade criadora", quando pensada em relação a transposição e recuperação do real no discurso literário, possibilita à arte, aqui compreendendo o romantismo como um das faces da modernidade, uma forma de reflexão contínua face à realidade, o que possibilita focalizar a complexidade de possibilidades representativas, ou seja, novos caminhos de representação do real na arte. Para Schmitt (2010) o

(...) pensamento de Aristóteles é consideravelmente mais universal: o poeta deve apresentar o que, por atos e palavras, decorre de uma certa condição de um homem, com verossimilhança e necessidade; ou melhor, que condição interna de um indivíduo se manifesta quando ele diz ou faz algo. O poeta deve apresentar qual é o universal de um homem, o que subjaz à quantidade imprevisível de suas ações como uma disposição interna dele característica e a ele cabível. A distinção quanto aos "tipos" da poética normativa está em que tais tipos são extraídos da empiria, são articulações típicas de um traço de caráter de uma certa espécie de indivíduo, ao passo que Aristóteles não subordina o poeta a uma "tipificação". Isso leva a que o número de "tipos" não aumente indefinidamente, enquanto o universal do poeta, para Aristóteles [...], sempre pode ter uma nova formulação (Schmitt 2010, p. 168).

Esta percepção de uma ampliação universal em diferentes "tipos" indica que a representação literária, principalmente após o século XVI, é modulada pelo real, mas não limitada por ele. A "nova formulação" indica o múltiplo e, por isso, a multiplicidade proposta por Schmitt (2010) indica o que Reis;Lopes (2000, p.354) compreendem como "uma espécie que é toda uma imitação".

Memmi (1976) ao abordar as identidades periféricas comenta que o processo dialético entre identidade e alteridade é importante na veiculação de aspectos culturais em formação nas diferentes identidades nacionais em países colonizados. Esta postura tensiva diante da

alteridade, entendida por Memmi (1976) como princípio para a construção da identidade, é proveniente da relação conflituosa do conceito de alteridade na formação e delimitação das diferentes identidades, fato que estabelece, em nosso entendimento, a formação de identidades por meio de processos dialéticos, nos quais o discurso do sujeito é apresentado como resultante da tensão com o outro: a alteridade.

A epígrafe de Mme de Staël que Lourenço Amazonas usa para *Simá* e que reproduzimos como epígrafe para este texto nos dá um exemplo desta tensão face à alteridade em nosso *corpus*. Neste romance a presença de marcas de identidade nacional encontra na utilização de elementos da "cor local" um aspecto de grande relevância. O tom descritivo que perpassa a narrativa e a coerente utilização de signos extraídos de diferentes matrizes linguísticas de culturas indígenas no romance dão à narrativa sua filiação ao tempo histórico e, sobretudo, o ligam a identidade brasileira em processo de formação como importante marca do Romantismo no romance. Esta presença da "cor local", em consonância com as ideias de Denis (1822), dá por um lado ao romance aspectos de brasilidade. Por outro lado, no entanto, o tom narrativo provoca a percepção de uma tensão entre as diferentes etnias presentes no romance e cria, para nós, uma imagem distorcida do que Denis (1822) identifica como adequação ao local como marca de identidade. Esta relação ambígua expõe como consequência a ironia subjacente ao romance, o que explica a eleição da epígrafe de Mme. de Staël para o romance de Lourenço Amazonas (1857) e nos possibilita pensar em um fio narrativo subjacente que aponta para a hibridiz cultural como marca identitária no romance; pensado aqui na perspectiva da ironia romântica e explicando, ao leitor deste estudo, a seleção da segunda epígrafe de nosso texto retirado do romance de Lourenço Amazonas (1857) justamente no momento em que a inocência de Regis e Loiola é posta em cheque pelo narrador onisciente do romance.

Ao pensarmos uma articulação entre a perspectiva irônica subjacente ao romance por meio da alusão à multiplicidade na representação literária, propomos uma reorganização do padrão romântico de representação do indígena no paralelo do "bom selvagem" em *Simá*.

Em decorrência desta ideia faremos, em seguida, uma breve exposição do que pensamos a respeito da representação literária do indígena na tradição literária brasileira e abordaremos, em seguida, as nuances desta representação em nosso *corpus*.

Representação literária do indígena no romantismo brasileiro: paradigmas

No Brasil a representação do indígena como elemento exótico da diversidade temática nacional encontra lugar de destaque em um percurso dialético que envolve a presença de marcas culturais do colonizador europeu mescladas a aspectos naturais e identitários locais, "cor local" para lembrarmos, mais uma vez, as palavras de Denis (1822). Esta dialética é, em nosso ponto de vista, parte integrante no processo de formação da identidade nacional, resguardada a tensão face à alteridade inerente a este processo, concordando com Memmi (1976), uma vez que o ponto de enunciação, principalmente entre os séculos XV e XIX, é determinado, prioritariamente, pelo outro, ou seja, em uma relação histórica de alteridade.

Estas marcas externas estão presentes, por exemplo, na *Carta de Pero Vaz de Caminha a El rei Don Manuel sobre o achamento do Brasil* (2000), publicada em primeira edição em 1504, e, no *Tratado da terra de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, de Pero Magalhães Gândavo (2008), publicado em primeira edição em 1578. Em nosso entendimento estas obras apresentam a relação conflituosa entre identidade local e alteridade no processo de formação da identidade nacional, vista como resultante do diálogo cultural com o outro; mesmo pensando o recorte positivo apresentado face à natureza brasileira.

A representação literária do indígena aliada à descrição do espaço natural brasileiro pode ser considerada, na linha de raciocínio deste estudo, como uma constante histórica dentro de

nossa tradição literária. Ao observarmos, por exemplo, a *Carta de Pero Vaz de Caminha enviada a El rei D. Manuel*, verificamos este paradigma. No texto de Pero Vaz de Caminha (2000) o objetivo temático principal é dar conta do “achamento” do Brasil ao rei D. Manuel, fato que possibilita a inclusão da obra no conjunto de textos históricos denominados, no Brasil, por Literatura de viajantes europeus ou Literatura de informação.

No texto de Caminha (2000) a descrição dos nativos e do espaço natural assume relevância dentro da organização de um percurso estilístico enquadrado na literatura de viagens. O texto apresenta como principal recurso estilístico a focalização minuciosa do espaço por meio de um procedimento associado ao símile e da focalização externa ao ambiente descrito em paralelo ao elemento europeu. O paralelo ao traço externo à realidade nacional como forma de identificação primária funciona, nestes primeiros momentos da apresentação da terra "nova", como um dos recursos para apresentação ao leitor, sobretudo, europeu, de um paradigma conhecido para que o símile proposto no texto faça sentido aos olhos de um leitor externo. Um exemplo deste procedimento pode ser visto no seguinte trecho:

a feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de cobri ou deixar d encobrir suas vergonhas do que mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furado. Meteram-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita a modo de roque de xadrez. E trazem-no ali encaixado de sorte que não os magoa, nem lhes põe estorvo no falar, nem no comer e beber. (Caminha, 2000, p. 21)

O excerto acima demonstra que o narrador apresenta uma visão positiva associada à figura do nativo, mas o faz de forma a apresentar paradigmas conhecidos ao leitor estrangeiro como, por exemplo, na descrição do tom de pele como "avermelhados" ou mesmo na ênfase a certas redundâncias semânticas "andam nus, sem cobertura nenhuma".

Esta postura narrativa denuncia um dos primeiros paradigmas para a caracterização e representação do indígena em nossa tradição literária: o símile descritivo por contraste/aproximação ao elemento europeu. Neste olhar descritivo a associação do nativo a elementos exóticos de nossa natureza tropical evidencia que o percurso descritivo encontrado na “Carta” baseia-se em um processo de símiles aos elementos civilizados. A ambiência exótica a este espaço é um prolongamento deste processo de representação da realidade local, muitas vezes, contrastando com as aproximações relacionadas à visão de mundo do colonizador europeu. O traço exótico é visto, por exemplo, no que caracterizamos como redundâncias semânticas e por um procedimento que busca no símile um espaço pitoresco como, por exemplo, a descrição do adorno labial dos nativos "traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro".

O espanto e a surpresa do colonizador português, descrito na Carta pelo tom narrativo adotado no texto, está correlacionado a um paralelo imediato entre estes elementos “estranhos”, comparados aos traços “conhecidos” recuperados da memória cultural do colonizador europeu aqui representado no tom e focalização do narrador. Esta correlação indica a presença do exótico e, por vezes, do pitoresco da descrição do espaço "novo" que a *Carta* de Caminha (2000) focaliza como um desdobramento estilístico do perfil descritivo via símile como paradigma estético dos primeiros esforços para a representação do espaço brasileiro.

À imagem do índio representado por meio do símile soma-se, portanto, o traço exótico e pitoresco que se configura com aspectos importantes do primeiro paradigma de representação

do nativo nos textos fundadores não só pelo processo histórico de "descobrimento" do Brasil como e, sobretudo, pela presença do perfil ficcional que cerca estes textos produzidos sobre o Brasil no início do século XVI, recuperando, neste momento, a relação proposta por Schmitt (2010); Reis;Lopes (2000) e Memmi (1976) bordadas na sessão anterior deste estudo.

Na *Carta*, aqui comentada, contribui, ainda, um processo de associação do indígena e da descrição da fauna e flora brasileiras, o que leva ao paradigma do bom selvagem rousseauriano, ou seja, apresentação de uma imagem positiva deste indígena, mas que é formulada pela égide do exótico e do pitoresco em decorrência do foco narrativo. O nativo, neste paradigma, é descrito como belo, por vezes, ingênuo e bom; o que prevê o prolongamento de sua natureza primitiva como parte integrante do meio exuberante e exótico do qual faz parte.

Lembrando que para Rousseau (apud Scheler 1998) a visão do nativo americano é associada a um estado idílico, no qual o homem primitivo é provido de uma pureza inata, posto que dissociado da visão civilizada. Cabe lembrar, também, na aresta das colocações rousseaurianas (apud Scheler 1998), que o homem civilizado busca a pureza primitiva, mas o faz por meio da reflexão filosófica e, portanto, não prevê o retorno ao passado primitivo, antes sua sublimação para um estado consciente e auto-consciente. Esta tendência em associar o indígena ao elemento exótico da diversidade brasileira, entretanto, deixa marcas culturais européias no processo de representação/caracterização do indígena, uma vez que o ponto de enunciação, principalmente entre os séculos XV e XIX, é determinado pelo olhar europeu.

Estas marcas presentes subliminarmente na *Carta* e, em grande parte da chamada Literatura de viajantes europeus são sentidas nas descrições do nativo à mercê do olhar "civilizado". Tal procedimento, em nosso ponto de vista, deixa implícita uma tensão enunciativa ao deflagrar a interferência do europeu na cultura recém descoberta que é aspecto importante a ser recuperado e, por vezes, problematizado na tradição literária brasileira, sobretudo no romantismo como demonstraremos, posteriormente, ao focalizar o romance *Simá* (1857).

Nas crônicas de Pero Magalhães Gândavo (2008) podemos encontrar uma visão semelhante a de Caminha (2000), conforme comentários nos parágrafos anteriores. Em Gândavo (2008) o indígena, muitas vezes, é descrito em um padrão que o aproxima ao demoníaco e não apenas ao "bom selvagem".

Estes índios são de cor branca, cabelo corredio; têm o rosto amassado e algumas feições deles à maneira de chins. Pela maior parte são bem dispostos, rijos e de boa estatura; gente muito esforçada, e que estima pouco morrer, temerária na guerra, e de muito pouca consideração: são mal agradecidos em grande maneira, e muito desumanos e cruéis, inclinados a pelejar, e vingativos por extremo. Vivem todos muito descansados sem terem outros pensamentos senão de comer, beber, e matar gente, e por isso engordam muito, mas com qualquer desgosto pelo conseguinte tornam a emagrecer, e muitas vezes pode deles tanto a imaginação que se algum deseja a morte, ou alguém lhe mete em cabeça que há de morrer tal dia ou tal noite não passa daquele termo que não morra. (Gândavo, 2008, p. 133)

Este ponto de vista associa o indígena ao selvagem/incivilizado ao mesclar ao símile descritivo, "são de cor branca, cabelo corredio, têm o rosto amassado e algumas feições deles à maneira de chins", um aspecto hostil, quase sempre, pensado em relação a presença de costumes e crenças dos nativos, neste exceto, vistos como estranhos, "desumanos e cruéis"; no paralelo com a cultura do europeu. Nesta visão, apesar da descrição física positiva, por vezes, amalgamada à terra em proporção e beleza, o narrador de Gândavo (2008) apresenta traços lidos como estranhos à cultura européia em um paralelo à cultura do nativo.

Em outros termos, neste paradigma, o tom descritivo modulado pelo exótico/pitoresco dos indígenas, vistos como belos mas selvagens e, por vezes, bárbaros, os distancia da visão positiva de fundo harmônico, segundo Rousseau (apud Scheler 1998) : "muito desumanos e cruéis, inclinados a pelejar, e vingativos por extremo. Vivem todos muito descansados sem terem outros pensamentos senão de comer, beber, e matar gente" (Gândavo, 2008, p. 133).

As descrições de cenas de canibalismo, encontradas, por exemplo, na tela homóloga de Staden (1547), bem como a visão animalizada e, por vezes, demoníaca aproximadas aos indígenas demonstram que paralela à beleza e ambiência positiva ao espaço natural, encontramos uma perspectiva negativa associada ao indígena visto como distante do mundo do colonizador e, por isso, descrito como não civilizado. Estas imagens – índio hostil e selvagem – não são muito distantes estilisticamente em relação ao traço descritivo do símile como visto em Caminha (2000), por exemplo, posto que utiliza o símile face ao elemento natural brasileiro em contraste ao elemento europeu. Entendemos, entretanto, que este percurso estilístico revela a presença da interferência do outro no processo de formação da cultura brasileira, novamente recorrendo a Memmi (1976).

Feitos os comentários iniciais passaremos a apresentação do romance *Simá*: romance histórico do Alto Amazonas, de Lourenço Amazonas (1857) como forma de valorizar a diversidade estética do romantismo brasileiro.

Tensão e diversidade na representação do indígena em *Simá*

Lourenço da Silva Araújo Amazonas nasceu no dia 4 de maio de 1803, na Bahia e morreu em 1864. Oficial da Marinha Imperial, exerce a função de capitão-tenente na Armada e chega a ocupar o cargo de intendente da Comarca do Amazonas no século XIX, local em que passa grande parte de sua vida e trajetória profissional. Pesquisador/sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, publica, em 1852, o *Dicionário topográfico, histórico e descritivo da Comarca do Alto Amazonas*, obra na qual cataloga mais de duzentas tribos indígenas durante a ocupação do Grão-Pará, Alto Amazonas e, posteriormente, denuncia, ao longo do século XIX, o progressivo desaparecimento de etnias inteiras na região amazônica.

A experiência como etnógrafo é importante na construção de *Simá*: romance histórico do Alto Amazonas, espécie de contraponto à imagem do "bom selvagem" predominante na representação do indígena na tradição romântica brasileira. Um argumento em favor da ideia de contraponto como tema subliminar em *Simá*, sobretudo pensando no que se refere a representação do indígena⁵ pode ser encontrada na introdução do romance.

A antiga perseguição dos muras que aos primeiros estabelecimentos portugueses importou horroroso flagelo, e a praga do carapanã, outro, senão fatal, não menos incômodo, obrigando as povoações e estabelecimentos rurais a contínuas mudanças, ocasionaram as tapers, que em outro tempo se notavam no Amazonas e Solimões; e modernamente a revolução de 1835 motivou outras, em número crescido, quanto indeterminado, assim no grande rio, como em seus afluentes, cuja vista ainda hoje desperta doloríssimas recordações, porquanto de seu objeto se ressentem a humanidade. Já sabeis pois o que seja "uma tapers", e como Sant. Pierre possuís, não direi a extravagância, por cortejo a vós; mas toda outra qualquer coisa importe a excentricidade de achar prazer nas ruínas, aí tendes o tema (Amazonas, 1857, p. 4).

⁵ Ao leitor interessado recomendamos a leitura: AMAZONAS, Lourenço da Silva Araújo. *Dicionário topográfico, histórico e descritivo da Comarca do Alto Amazonas*. Recife: Tipografia Comercial de Meira Henriques, 1852. e BRASIL. *Revista brasileira de geografia*, sumário do número de abril-junho de 1942. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1942_v4_n2.pdf . Acesso em 25/02/2020.

A introdução do romance, ao mencionar os Mura, vasta etnia indígena que ocupava grandes extensões de terras no complexo hídrico dos rios Madeira, Solimões, Amazonas e Purus, tanto na Amazônia brasileira quanto nos territórios e países vizinhos, e que sofreram, segundo Amazonas (1852, p. 207) perdas consideráveis nos primeiros anos de ocupação territorial do Amazonas, cria um aparente paradoxo.

A alusão à diminuição significativa dos muros em um "horroroso flagelo" que coloca em paralelo os "portugueses" e o "carapanã" (espécie de mosquito abundante na região amazônica) cria uma explicação inusitada para a interferência do branco na ocupação territorial do Alto Amazonas. O romance usa como pretexto semântico a explicação ao leitor do significado do que "é uma tapera. (...) é em língua túpica (conhecida no país por língua geral - Sic) as ruínas de uma povoação, fazenda, ou casa, invadidas pelo mato" (Amazonas, 1857, p.4). Esta aproximação e a correlação ao "carapanã" apresentam de forma subliminar o tema central do romance, para nós, a ideia de ruína e destruição étnica a partir da exposição de "doloríssimas recordações" face ao processo de ocupação da região amazônica, entendida, aqui, como metáfora de Brasil.

Ao abordar, neste trabalho a obra de Lourenço Amazonas verificaremos como este autor literário, militar e etnógrafo contribui para a ampliação do perfil de representação do indígena na tradição romântica brasileira, sobretudo ao pensarmos a caracterização do indígena na trilogia de José de Alencar, publicada coetaneamente ao romance *Simá*. A presença de um olhar etnográfico e a riqueza de informações sobre a situação do indígena amazonense no romance é um diferencial que além de apresentar, como o próprio autor aponta, legitimidade ao relato ficcional que assume ares de "romance histórico" ancorado em "fatos retirados de seu tempo"; metaforiza, em nosso entendimento, a complexidade das interações culturais na formação da nação brasileira, algo sentido na introdução do romance por meio da alusão ao termo "tapera". O percurso questionador à passividade do indígena na ocupação do território do Grão-Pará, Alto Amazonas, é fator importante na especificidade de seu romance. Diríamos, então que em *Simá*, escrito em 1857, o indígena ocupa lugar de destaque; menos pela importância dada a sua cultura; mas pela explicitação da complexidade das interações interculturais na formação identitária brasileira ao apresentar a transposição do indígena metaforizado nas trajetórias de "Marcos e Delfina" e o processo de destituição dos valores primitivos, corrompidos pelo contato com o branco, metaforizados nas figuras do missionários e, principalmente, no personagem Regis, Loiola e, posteriormente, Domingos de Dari e *Simá*.

É importante enfatizar, ainda, que reconhecemos a vinculação de Lourenço Amazonas aos padrões românticos, porém, apresentaremos uma visada que valoriza a presença da ironia no interior de sua produção, seguindo o raciocínio aqui apresentado.

Embora seja uma obra de grande repercussão no âmbito amazônico e de valor literário incontestável, o romance *Simá*: romance histórico do Alto Amazonas, publicado em 1857 por Lourenço Amazonas ainda aguarda maior difusão no território brasileiro, mesmo passados mais de 150 anos de sua publicação. O romance ambientado entre os anos de 1738 e 1750 constrói o percurso narrativo recuperando elementos etnográficos desde o início da ocupação do Alto Amazonas, ou seja, início do século XVII.

O enredo é organizado em dois grandes espaços narrativos. No primeiro, situado no ano de 1738 no sítio Novo Remanso, vivem de forma próspera os indígenas Marcos, viúvo de Efigênia, e sua filha, Delfina. A presença de fâmulos, espécie de empregados, e a descrição do espaço indica um vida tranquila e abastada: "podia-se notar mesmo que jamais para ele se dirigiam os olhos, que ao retirar-se, uma nuvem de tristeza não sombreasse os rostos (Amazonas, 1857, p. 3)".

Este primeiro momento ocupa um ar de idílio que percorre os momentos que antecedem o contato com o homem branco, metaforizado na chegada do "regatão Regis". Descrito como

um lugar telúrico no romance, o "Sítio Novo Remanso", proporcionará a projeção de uma plenitude cercada pela névoa ao passado. No terceiro capítulo, a narrativa caminhará, pelo logro causado por Regis que embriaga e rouba Marcos, além de estuprar sua filha Delfina, deixando, ainda, moedas e uma jóia como "paga" da impropriedade que realizara.

O segundo espaço narrativo ambientado no povoado de Santa Isabel, proximidades de Coari, banhado pelo rio Solimões, servirá como motivo livre para a identificação de Simá, luz em Tupi-Guarani, como filha ilegítima de Regis ao final da narrativa. Após o incêndio do "Sítio Novo Remanso", provocado pelo próprio Marcos, e o deslocamento para o segundo espaço narrativo às margens do Rio Negro, no Alto Amazonas; Delfina morre de "tristeza" e Marcos se destribaliza, assumindo a identidade de Severo e se transformando em um bem sucedido comerciante.

O terceiro capítulo tem início com a apresentação da mameluca Simá, protagonista do romance e filha de Delfina que chega ao povoado, vestida de branco para a primeira comunhão cristã.

Dez anos depois (1748), na manhã de quinta-feira santa, ao atracar ao porto da Missão de Santa Isabel uma linda e bem equipada igarité, que viera rio abaixo, e acudindo ao porto em seu encontro um velho missionário carmelita, que naturalmente a aguardava, vestido, como convinha naquele dia, com toda a cerimônia de sua Ordem, assomou fora do tujupá da igarité uma bela menina mameluca, de idade de nove anos, vestida de ponto em branco, trazendo na cabeça presa uma capela de flores brancas e um véu da mesma cor: do que pouco custa concluir, que vinha fazer a sua primeira comunhão. (Amazonas, 1857, p. 46)

Simá, protagonista do romance, aparece, portanto, no segundo espaço narrativo da obra. Neste espaço o romance focalizará a interação entre Severo, novo nome de Marcos, com nativos, religiosos e homens brancos. O processo narrativo mescla informações históricas relacionadas ao povoamento do Alto-Amazônia, a destruição das chamadas Missões dos Cambebas nos anos de 1700, as revoltas de Lamalonga ou Revolta dos Manãos (1723), Revolta Caboquena (1723-1727), Revolta dos Bararoás (1757), entre outros conflitos que trazem como ponto comum a luta armada entre colonos e nativos que ocupavam o Alto Amazonas no século XVIII. Focaliza, também, a retomada deste espaço por diversas expedições portuguesas entre elas, as comandadas por Manuel Rolim de Moura e José Antunes da Fonseca que derivaram da reorganização do Grão-Pará, para o Grão-Pará e Maranhão e, em 1777, a criação da Capitania de São José do Rio Negro.

Neste sentido, a leitura do capítulo XVI "Conselho de principais" é importante para a visão crítica apresentada no romance em relação ao processo de colonização e ocupação territorial da região amazônica. Neste capítulo o romance faz referências ao papel dos indígenas nas revoltas, as dificuldades de missionários e homens brancos valorizarem as "lideranças indígenas" durante o processo de ocupação da terra. Neste capítulo, por exemplo, temos uma "arenga", espécie de profecia, que indica que para atingir a liberdade a imensa nação dos Manaus deve pegar "às armas, e sejamos livres" (Amazonas, 1857, p.207). O tom de rebeldia presente, por exemplo, na "arenga" via exposição de logro do "branco", não só ligada ao colonizador, mas missionários, lembra que Regis usa ópio para dopar Marcos e Delfina no início do romance, e indica, nas inúmeras referências históricas do romance, que o índio não aceita passivamente a interação com o branco. O Conselho de principais, nesse sentido, assume lugar de destaque na proposição do romance.

A situação de Regis e a forma como o romance apresenta as desventuras de Simá e Dari, par romântico da obra, contribuem para a exposição de uma situação de fragilidade na

compreensão das relações humanas no romance. A narrativa, no entanto, centra sua força ficcional na trajetória de Simá e sua complexa relação com o pai, o regatão Regis. A narrativa termina com a morte de Simá em meio a um espaço de contaminação do homem branco, Regis e Loiola; além da fragilidade de interações harmônicas no processo de ocupação territorial no Alto Amazonas.

O posterior arrependimento de Regis que reconhece, por meio do colar deixado no leito de Delfina, a paternidade de Simá que, posteriormente, o perdoa e morre no incêndio não é suficiente para amenizar as tensões identitárias na obra. A narrativa apresenta, então, um quadro complexo de relações interpessoais provenientes da ocupação territorial do Alto Amazonas.

A presença do branco é vista como resultante de uma interação por vezes "desleal" com o indígena. Nesse sentido, a caracterização de Simá e Iaiá na contraposição com Regis e Dari demonstra como no romance a presença do heróico é problematizada, pois não há uma pureza inata associada a brancos e indígenas. Um momento em que podemos visualizar este percurso é a proposta de Regis para a união com Simá - capítulo XIV - evocando, para isso, o costume do homem branco de desfrutar "mamelucas lindas" (Amazonas, 1857, p. 165).

Aludimos aqui a sequência narrativa, na qual Severo critica a antiga "condescendência (...) de sua raça" e impõe como justificativa sua ambiência civilizada. O narrador demonstra, nessa "estranha situação", que para os demais participantes da reunião dos "principais" a situação passa com naturalidade; porém a revolta de Severo encontra eco não em uma burla à vulnerabilidade do indígena; mas na alusão ao homem branco que, no romance, é metaforizado negativamente nas ações de Regis e, por vezes Loiola, personagens corrompidos moral e eticamente e que encontram na figura de Domingos de Dari, a quem Simá é prometida em casamento, o contraponto.

A negativa de Simá à proposta de Regis e sua posterior aceitação de Domingos de Dari, naturalmente, levará ao desfecho trágico para o par romântico (Simá e Dari), e à aparente abnegação de Simá ao final da narrativa, "meu pai!! Eu lhe perdo. (Amazonas, 1857, 286)". Esta postura de Simá após o percurso narrativo indica um veio irônico que percorre a narrativa, corrompendo concomitantemente brancos, religiosos e índios.

Recorremos, novamente, ao episódio do "Conselho de Principais" e o posterior silêncio de Severo diante de Regis como forma complexa de apresentar no romance a interação de homens brancos e indígenas em *Simá*: romance histórico do Alto Amazonas que, retomando a imagem inicial da "tapera", corrompe a todos como metáfora da diluição moral e étnica que atinge indiscriminadamente os personagens do romance.

Considerações finais

Ao finalizar este texto, voltamos às epígrafes que selecionamos como forma de explicitar que o tema central do romance, ao focalizar o diálogo entre Regis e Loiola que abordam o rapto de Simá, metáfora da problemática interação cultural no romance, para nós, evidencia o eixo temático subliminar do romance. Esta informação nos parece importante para a percepção da importância do romance no contexto literário brasileiro quando da avaliação do perfil do indígena nesta tradição. A postura narrativa que não vê o indígena como vítima do processo de colonização, mas o coloca em diálogo reflexivo com as demais etnias que compõem a complexa relação intercultural que forma a cultura brasileira, é, para nós, aspecto primordial da obra.

Concordando com Telles (2011) no que se refere a ideia do romance *Simá* ser, antes de mais nada, um amplo painel do processo de construção da cultura brasileira, entendemos que a interação entre comerciantes europeus, religiosos e índios vistos como agentes mútuos na

construção da cultura amazonense expõe a forma consciente com que Lourenço Amazonas apresenta os acontecimentos históricos que perpassam o romance. Não pensamos, apenas, em uma ação violenta; mas na explicitação ficcional que põe à baila a interação cultural como resultante da formação da identidade cultural brasileira no romance de Amazonas (1857).

Ao concluirmos nosso estudo, pensamos *Simá*: romance histórico do Alto Amazonas, reeditado e atualizado em 2011, como um romance que filtra as influências interculturais na formação da identidade nacional brasileira sem estabelecer uma hierarquia entre elas e, por isso, merece maior atenção dos estudiosos de literatura brasileira, algo com o que pretendemos colaborar com este estudo.

Como última observação optamos, neste estudo, por utilizar a primeira edição do romance publicada em 1857 como forma de demonstrar a importância dada pelo autor ao diálogo histórico que compõe as notas explicativas no romance e que cercam a narrativa ficcional de Simá e Domingos de Dari.

REFERÊNCIAS

- AMAZONAS, Lourenço Silva Araújo. *Dicionário topográfico, histórico e descritivo da Comarca do Alto Amazonas*. Recife: Tipografia Comercial de Meira Henriques, 1852.
- AMAZONAS, Lourenço da Silva Araújo. *Simá: Romance Histórico do Alto Amazonas*. 1ª edição. Manaus: Editora Valer, 1857.
- ARISTÓTELES. *Arte poética*. Brasília: MEC, 2020. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000005.pdf> Acesso em 20/02/2020.
- BEHLER, Ernst. *Ironie und literarische Moderne*. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 1997.
- BLUMENBERG, H. “Imitação da natureza”: contribuição à pré-história da ideia do homem criador. In: COSTA LIMA, L. (Org.) *Mimesis e a reflexão contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 87-135.
- BOSI, Alfredo. *Um mito sacrificial: o indianismo de Alencar*. In: *Dialética da colonização*. 2ª Ed, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BRASIL. *Revista brasileira de geografia*, Sumário do número de abril-junho de 1942. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1942_v4_n2.pdf . Acesso em 25/02/2020.
- CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta de Pero Vaz de Caminha a El rei D. Manuel*. Brasília: Editora do MEC, 2000.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 2000. v. II.
- CARDOSO, Antonio Alexandre Isídio. *Sobre escravos e regatões: sociabilidades, conflitos e alianças complexas no território amazônico oitocentista*. Florianópolis, 2015.
- COSTA LIMA, L. (Org.) *Mimesis e a reflexão contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 7-49.
- _____. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.
- DENIS, Ferdinand. *Le Brésil ou histoire, moeurs, usages et coutumes des habitans de ce royaume*. Paris: Passage des Panoramas, nº. 26, 1822.
- GÂNDAVO, P. M. *Tratado da terra de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*. Editora do Senado, 2008. Disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/188899/Tratado%20da%20terra%20do%20Brasil.pdf?sequence=1> Acesso em: 20/01/2020.

- GONDIM, Neide. *Simá, Beiradão e Galvez, imperador do Acre (Ficção e História)*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1996.
- GUINSBURG, J. (Org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- HASS, Hans-Egon; MOHRLÜDER, Gustav-Adolf. *Ironie als literarisches Phänomen*. Köln: Kiepenheuer & Witsch, 1973.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia da história*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Die Ironie*. In: HASS, Hans-Egon; MOHRLÜDER, Gustav-Adolf. *Ironie als literarisches Phänomen*. Köln: Kiepenheuer & Witsch, 1985, p. 340-349
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Liberdade subjetiva e Estado na Filosofia política*. Cesar Augusto Ramos (Org.). Curitiba: Editora da UFPR, 2000.
- INGARDEN, Roman. *A Obra Poética de Arte Literária*. 2 ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.
- KIERKEGAARD, Soren. *Conceito de ironia: constantemente referido a Sócrates*. Apresentação e tradução Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.
- KRÜGUER, Marcos Frederico. “Grande Amazônia Veredas” In: RANGEL, Alberto. *Inferno Verde*. Organização: Tenório Telles. 6.^a edição – Manaus: Editora Valer, 2008.
- KRÜGUER, Marcos Frederico. *Amazônia: mito e literatura*. 3^a edição – Manaus: Editora Valer, 2011.
- LIMA, Neiva Rolim. *Protagonismo feminino e violência em Simá: romance histórico do alto Amazonas, de Lourenço Araújo Amazonas*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Amazonas. 2019.
- LOBO, Luiza. *Épica e modernidade em Sousândrade*. Rio de Janeiro: Presença [São Paulo]: EDUSP, 1986.
- MEMMI, A. *Portrait du colonisé*. Utrecht: Jean-Pacques Pauvert, 1976.
- MUECK, D. C. *Ironia e o irônico*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- NUNES, B. Visão romântica. In: GUINSBURG, J. (org.) *O Romantismo*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1993, p. 68-79.
- PEREIRA, Danglei Castro de. Traços da ironia romântica na literatura do século XX. *Revista Terra rouxa e outras terras*. Volume 27. dez. 2014. Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terraroixa/g_pdf/vol27/TR27e.pdf Acesso em: 20/02/2020.
- PEREIRA, Danglei de Castro. Antropofagia e identidade na representação do indígena na literatura brasileira. In. *Forma Breve*, v. 1, p. 239-251, 2018.. Disponível e: <https://proa.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/1990>. Acesso em: 25/02/2020.
- REIS, Carlos, LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de Narratologia*. 4 ed. Coimbra: Livraria Almedina. 2000.
- ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto I*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- SCHELER, Max. *Modelos e líderes*. Curitiba: Ed. Universitária Champagnat, **1998**.
- SHELLING, F. W. J. *Filosofia da Arte*. Tradução, introdução e notas de Márcio Suzuki. São Paulo: Edusp, 1994.
- SHELLING, F. W. J. *Sistème de l’idealisme transcendental*. In: _____. *Essais de Schelling*. São Paulo: Grall, 1994a.
- SCHMITT, Arbogast. Mímesis em Aristóteles e nos comentários da Poética no Renascimento: da mudança do pensamento sobre a imitação da natureza no começo dos tempos modernos. In: COSTA LIMA, L. (Org.) *Mímesis e a reflexão contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 137- 189.

STANDEN, H. *Canibalismo*. Disponível em:
<http://uplod.wikimedia.org/wikipedia/commos/f/F/Caninibalis.23232.jpg>. Acesso em
15/01/2020.

STROHSCHNEIDER-KOHR, Ingrid. *Die romantische Ironie in Theorie und Gestaltung*.
Tübingen: Max Niemeyer, 2002.

SUZUKI, Márcio. *Sobre Música e Ironia*. Idealismo Alemão. Revista Dois Pontos. Curitiba -
São Carlos, v. 4, n. 1, p. 175-200, 2007. Disponível em:

<https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/7286/6614> Consulta em 20/02/2020.

TELLES, Tenório (2011) “Posfácio”. In.: AMAZONAS, Lourenço da Silva Araújo. *Simá –
Romance Histórico do Alto Amazonas*. 3ª edição. Manaus: Editora Valer, 2011.

Danglei de Castro Pereira é docente da UnB, e publicou inúmeros artigos em periódicos,
capítulos e livros, dos quais os mais recentes são *Diagramas, folhas e literatura em
marginalidade* (Pontes Editores, 2020) e *Romantismo e Modernismo: continuum* (Pontes
Editores, 2020). Para a lista completa de publicações, ver
<http://lattes.cnpq.br/8377774749228753>

Submetido em 02/11/2019

Aceito em 20/12/2019